

## TEXTOS LITERÁRIOS EM MATERIALIDADES DIVERSAS: PRÁTICAS DE LEITURA PARA JOVENS LEITORES.

Prof. Dr<sup>a</sup>. Girlene Marques Formiga<sup>i</sup> (IFPB)  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Francilda Araújo Inácio<sup>ii</sup> (IFPB)

### Resumo:

*O resultado do programa Internacional de Avaliação de Alunos – PISA –, realizado em 2009, com ênfase em leitura, comprova que o Brasil apresenta um melhor desempenho em relação à primeira edição, em 2000. Resultados da última pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, divulgada em 2008, mostram também que houve crescimento do índice de leitura entre os brasileiros. Mesmo reconhecendo que instâncias de articulação, vinculadas à atual política nacional de livro, leitura e literatura, venham exercendo um papel importante, instituindo legislação para as políticas e programas nesse segmento, outras ações de mobilização precisam ser efetivadas, de modo a consolidar as ações em prol do desenvolvimento do hábito de leitura no país. Assim sendo, este trabalho objetiva analisar os resultados de pesquisas relativas ao estado de Leitura e Leitores no universo escolar brasileiro, bem como discutir práticas de Leitura no Ensino Médio, especificamente voltadas à Leitura por meio de textos literários sob suportes diversos, com vistas à promoção de práticas significativas de Leitura entre o público juvenil.*

**Palavras-chave:** Leitura, Leitores, Adaptações de clássicos literários, Escola.

### Introdução

São notáveis algumas ações em prol do desenvolvimento do hábito de leitura no país, que podem ser vistas, por meio de programas e políticas públicas de livro, leitura e literatura – a exemplo do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL<sup>1</sup>) e do Instituto Pró-Livro – para que jovens estudantes brasileiros possam ter acesso a esse conhecimento. Além disso, verifica-se um vigor crescente do mercado editorial brasileiro nos últimos tempos. Embora seja lugar comum preconizar que o brasileiro não seja dado ao hábito de ler, a pesquisa de Produção e Vendas do Mercado Editorial 2009, divulgada pela Revista Panorama Editorial, aponta que o faturamento total do setor cresceu 2,13%. Esses percentuais relativos ao volume das vendas, aliados à redução de preços, também revelados pela pesquisa, constituem um indício do aumento no consumo de livros pela população, resultante, certamente, das ações voltadas para a difusão do livro e promoção da leitura.

Mas, mesmo considerando que essas instâncias de articulação, vinculadas à atual política nacional de livro, leitura e literatura, exerçam um papel importante, instituindo legislação para as políticas e programas nesse segmento, outras ações de mobilização precisam ser efetivadas, de modo a consolidar as ações em prol do desenvolvimento do hábito de leitura no país. Em um país que se alinha, em âmbito internacional, entre as grandes potências emergentes do mundo, e hoje

---

<sup>1</sup> Contribuíram diretamente para a elaboração deste Plano iniciativas como: o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD); o Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE); o fórum da Câmara Setorial do Livro, Leitura e Literatura (instituída por decreto presidencial em 2005 e da qual decorreu o atual Colegiado Setorial de Livro, Leitura e Literatura); o Projeto Fome de Livro (iniciativa do MEC/Biblioteca Nacional); o Programa Nacional do Livro no Ensino Médio (PNLEM); o Programa de Formação do Aluno e do Professor Leitor e o Vivaleitura – Ano Ibero-americano da Leitura (2005), programa desenvolvido pelo MinC, MEC, organismos internacionais e entidades da sociedade, e, finalmente, o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER). Disponível em <http://189.14.105.211/conteudo/c00005/Introducao.aspx>.

convive com repositórios digitais de leitura cada vez mais modernos (como os *tablets*), ainda buscamos entendimento para as razões da baixa proficiência em/da leitura entre os jovens.

Nesse sentido, é objetivo deste trabalho analisar os resultados de pesquisas relativas ao estado de Leitura e Leitores no universo escolar brasileiro, cujos resultados apresentam parâmetros que constituem referencial através do qual podemos sugerir ações – especificamente voltadas à Leitura por meio de textos literários sob suportes diversos –, capazes de promover práticas significantes de leitura entre o público juvenil, bem como discutir práticas de Leitura no Ensino Médio.

## **Estado de Leitura e Leitores no universo escolar brasileiro**

O resultado do programa Internacional de Avaliação de Alunos – PISA – cujo objetivo é determinar em que medida os estudantes na faixa de 15 anos possuem conhecimentos para uma inserção participativa na sociedade – realizado em 2009, com ênfase em leitura, comprova que o Brasil apresenta um melhor desempenho em relação à primeira edição, em 2000. Embora no ranking geral o país ocupe o 53º colocado entre os países participantes, os cerca de 20 mil alunos de 15 anos que realizaram o exame conseguiram elevar em 9% a média brasileira.

Os resultados desse exame foram apresentados pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) – uma organização internacional e intergovernamental que hoje agrupa os 30 países mais industrializados da economia do mercado e responsável pela realização da prova – através do relatório *Pisa 2009 Results: What Students Know and Can Do* (Resultado do Pisa 2009: O que os Estudantes Sabem e Podem Fazer). Depois de perscrutados por especialistas – Maria Teresa Tedesco (professora da UERJ), Gisele Gama (consultora do INEP), e Kátia Lomba Bräkling, (coautora dos PCNs) – os dados foram disponibilizados pela Revista *Nova Escola* (SALLA, 2001). Por meio deles, verificam-se análises sobre diversos aspectos do exame de leitura, entre os quais o desempenho, que é avaliado em três competências: identificação e recuperação de informações, integração e interpretação, reflexão e avaliação. Na prova de leitura, constata-se que quase metade dos que fizeram a prova tirou nota 2, o que comprova ainda incapacidade de compreender textos.

Para Gama (SALLA, 2011, p. 77), “a prova do Pisa é extensa e requer fôlego de leitura. Aí já aparecem as primeiras dificuldades dos nossos estudantes, pois é preciso que eles sejam capazes de entender e não apenas decodificar o que está escrito.” Diante da constatação dessa baixa proficiência, podemos inferir que falta aos alunos tanto familiaridade com a leitura, como também – considerando o uso de gêneros diferentes na prova como mapas, tabelas, lista de instruções, gêneros ficcionais, a exemplo de fábulas e contos) – contato maior com composição textual diversa. Sobre a abordagem de gêneros variados, Gama ainda acrescenta que, reproduzindo a variedade de tipos de textos que existem na vida real, o Pisa apresenta elementos presentes em várias disciplinas. Isso significa, pois, que trabalhar competências de leitura, tais como identificação e recuperação de informações, integração e interpretação, reflexão e avaliação, não é uma tarefa exclusiva do professor de Língua Portuguesa.

Guardadas as devidas ressalvas quanto à falta de diálogo dos exames internacionais com as culturas latino-americanas e à aplicação de regras às cegas desses organismos estrangeiros, que se julga ter autoridade sobre países mais pobres, – como bem ressaltam especialistas em educação – não se pode negar a influência nas políticas públicas e nas salas de aula. Assim sendo, o diagnóstico dessas organizações contribui para a compreensão que temos hoje sobre o estado de leitura e leitores do Brasil, de maneira que, por meio dele, possamos identificar fatores que frustram tantos professores que não conseguem ou apresentam dificuldades em lidar com a falta de interesse dos alunos ou proficiência na leitura.

Embora os dados do Pisa apresentem uma melhoria, ainda insuficiente, no que diz respeito à baixa proficiência na leitura no país, a segunda edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”<sup>2</sup> – realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – IBOPE, a pedido do Instituto Pró-Livro, apontam resultados um pouco mais otimistas, haja vista o crescimento do índice de leitura entre os brasileiros<sup>3</sup> em relação à primeira edição realizada entre 2000 e 2001. Divulgada em 2008, essa pesquisa tinha como objetivos conhecer o comportamento do leitor brasileiro, principalmente com relação aos livros, e fazer um levantamento junto aos entrevistados de suas opiniões a respeito da leitura.

Nela, é apontada que lemos, em média, 4,7 livros por ano, e compramos, em média, 1,2 exemplar por ano. Quando indagada sobre o que gostavam de fazer em seu tempo livre, ocupando a quinta posição, verificou-se a opção que dizia respeito à preferência pela leitura. Acerca da indagação sobre o que eles estavam lendo, o livro praticamente liderou na preferência, perdendo apenas para as revistas. Já na opção dos gêneros mais lidos pelos leitores entrevistados, a Bíblia ocupou o primeiro lugar com 45%, seguido dos Livros didáticos com 34%, o Romance com 32%, a Literatura infantil 31%, a Poesia com 28% e a História em quadrinhos com 27%.

Publicações como esta geram informações de caráter quantitativo e qualitativo sobre o acesso ao livro e à leitura, além de intensificar a investigação sobre os mediadores da leitura e seu papel na formação de leitores. O fato de verificarmos a intensidade, a maneira, as motivações e condições para a prática da leitura no País serve de base à concepção de pensarmos em estratégias capazes de alargar o contato entre leitor e leitura. Em se tratando de jovens leitores, uma dessas estratégias é a leitura de clássicos literários por meio de adaptações.

Mesmo que a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” não tenha apresentado como opção o texto adaptado, não se pode afastar a possibilidade de que, desse montante, muitos livros tenham sido lidos em versões adaptadas. Essa possibilidade se justifica por um dado que nos chamou a atenção, refere-se à resposta dada à forma como os leitores costumavam ler os livros, quais sejam: 55% leem trechos ou capítulos, 38% o livro inteiro de uma só vez, 16% o mesmo livro mais de uma vez, 11% pulando páginas e lendo partes do livro mais de uma vez, 7% mais de um livro ao mesmo tempo. Tais resultados confirmaram o julgamento errôneo de que os leitores efetuam a operação da leitura de maneira uniforme e de que todos leem todos os textos integralmente. Esse ideal de leitor não se firma, se considerarmos os dados concretos da pesquisa do Instituto Pró-livro.

Pennac (1993), ao apresentar os direitos imprescritíveis do leitor, dentre os quais o de pular páginas de sua escolha, não terminar um livro, o de reler, nos adianta que o livro nos desperta sentimento de absoluta propriedade, razão pela qual, ao cair em nossas mãos, tornam-se nossos escravos. Considerando a leitura como “um ato anárquico”, Petrucci (1999, p. 223), citando Hans Magnus Enzensberger, afirma que o “leitor tem sempre razão e ninguém pode retirar-lhe a liberdade de fazer de um texto o uso que mais lhe agrada”. E ainda acrescenta:

Faz parte dessa liberdade folhear o livro de um lado para outro, pular trechos inteiros, ler as frases ao contrário, deformá-las, reelaborá-las, continuar a tecê-las e a melhorá-las com todas as associações possíveis, extrair do texto conclusões que o texto ignora, encolerizar-se e alegrar-se com ele, esquecê-lo, plagiá-lo e num certo momento atirar o livro num canto (IBID, IBIDEM).

Utilizando-se da prerrogativa de seus direitos, o leitor, portanto, defende os “poderes” a ele

<sup>2</sup> Disponível em <http://www.camaradolivro.com.br/docs/RetratosdaLeituranoBrasil> . Acesso 20/06/2008.

<sup>3</sup> Sobre os resultados da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, há uma análise feita pela professora Maria Antonieta da Cunha (UFMG e PUC-MG) denominada *Acesso à leitura no Brasil: considerações a partir da pesquisa*. Disponível em <http://www.camaradolivro.com.br/docs/RetratosdaLeituranoBrasil> . Acesso 20/06/2008.

conferidos, alguns, inclusive, elencados por Manguel (1997), como o de antecipar, deturpar, acrescentar, saltar sentidos. Assim, na condição de proprietário, nos concedemos todos os direitos e tratamo-lo de acordo com o que um determinado texto representa para cada leitor, dando-lhe um sentido. Tais questões nos permitem polemizar certos discursos que defendem a ilusão do cânone literário como textos acabados pelo autor, portanto, inalteráveis na existência da suposta “originalidade”, desconsiderando a pluralidade dos usos dos quais a adaptação, em sua materialidade, está investida.

Considerando os resultados de pesquisas apresentados, propomos uma prática de leitura pautada nas adaptações literárias, que atenda à melhoria da qualidade e eficácia do ensino de literatura na escola. Nesse sentido, a proposta diz respeito à leitura de clássicos literários aliada a outros suportes materiais por meio da adaptação, um procedimento de reescritura que constitui um artefato de prática de leitura histórica reconhecidamente desenvolvido no meio escolar, conforme atesta pesquisa realizada por t, Para a pesquisadora. (2009)rmiga Foendo mercado cativo em pleno século XXI, os clássicos da literatura chegam ao mundo inteiro através de outros meios que não os impressos, reescritos para as várias artes e mídias, da narrativa romanesca e do drama ao cinema, ao teatro, à TV. Vemos, pois, a grande contribuição da adaptação de textos literários, vista como instrumento que concorre para a formação do gosto artístico dos jovens leitores, preparando-os para serem consumidores das Belas-Letras.

### **3 Discutindo Práticas de Leitura na escola**

Do sagrado ao profano, de textos beletristas às narrativas populares, as adaptações podem entrar na sala de aula como prática de leitura capaz de atrair leitores iniciantes a adentrarem desde cedo no mundo da literatura. Tratando do como e por que ler os clássicos universais desde cedo, a escritora Ana Maria Machado afirma:

Não é necessário que essa primeira leitura seja um mergulho nos textos originais. Talvez seja até desejável que não o seja, dependendo da idade e da maturidade do leitor. Mas creio que o que se deve propiciar é a oportunidade de um primeiro encontro. Na esperança de que possa ser sedutor, atraente, tentador. E que possa redundar na construção de uma lembrança (mesmo vaga) que fique por toda a vida. Mais ainda: na torcida para que, dessa forma, possa equivaler a um convite para a posterior exploração de um território muito rico, já então na fase das leituras por conta própria (MACHADO, 2002, p. 12-13, grifos nossos).

Aliás, no capítulo em que trata de clássicos, crianças e jovens, a autora é bastante incisiva em uma orientação de como ler os clássicos, quando diz que, na infância e adolescência, o primeiro contato com um clássico não precisa ser com o original, pois “o ideal mesmo é uma adaptação bem-feita e atraente”. Partindo do princípio de que é importante o contato com os clássicos, ao mesmo tempo que se percebe que, para determinados leitores, existem dificuldades em ler uma obra literária em um texto integral, verifica-se que uma das estratégias, a fim de aproximá-los daquele texto, seria oferecer-lhes algo por meio da adaptação, afinal nem todo mundo tem uma história de leitura como a de Manguel (2001), que percebeu o poder da leitura aos quatro anos de idade, começando a provar desde cedo da qualidade da “ambrosia literária” de todas as épocas e em muitas línguas.

Neste sentido, nós, professores de literatura, que vivenciamos cotidianamente dificuldades no momento de os alunos lerem certos textos, podemos introduzir ao leitor mais inábil, ou mesmo para os contumazes, uma adaptação. A abordagem inicial por meio de uma versão cinematográfica

ou por qualquer outro meio, voltada para a interação do aluno com o texto no qual estabelece o diálogo com a obra integral, pode permitir uma aproximação com a literatura.

Sem abdicar dos recursos estilísticos da obra, o mercado editorial brasileiro, por sua vez, oferece uma vasta lista de adaptações dentro da pertença do chamado cânone literário. A própria Ana Maria Machado, que também é adaptadora de muitos clássicos, em seu livro *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*, mostra-se surpreendida ao descobrir tantos deles em “versões adaptadas de boa qualidade, à disposição de nossos jovens leitores”. Assim, a despeito de muitas posições contrárias, nem toda adaptação é sinônimo de mutilação de um clássico, afinal diversos escritores de renome se dedicam, ou se dedicaram, a esse trabalho. Também não podemos ignorar o fato de que muitos leitores chegaram ao texto integral do clássico, graças ao contato inicial com outros referentes, produzidos não apenas no formato em que vimos discutindo aqui, mas através de várias outras manifestações dos meios de comunicação, a exemplo de filmes, desenhos animados, histórias em quadrinhos, séries de televisão, e de muitos gêneros que atualmente circulam na *web*. Ademais, um clássico é um livro que pode ser retomado em diferentes momentos na vida do leitor, e por esta razão não constitui uma operação definitiva na adaptação.

## **Conclusão**

As pesquisas sobre leitura no Brasil revelam o papel fundamental da escola no desenvolvimento da leitura, sinalizando os caminhos para fomentar sua prática à medida que apresentam comportamentos, gostos e preferências do leitor. Conhecer a realidade do estado da prática de leitura no Brasil, nos faz, pois, refletir e propor ações capazes de contribuir para a promoção do contato com a leitura, sob diversos suportes e materialidades.

A abordagem de textos literários adaptados torna-se, a nosso ver, uma alternativa viável e satisfatória para a formação de leitores, se considerarmos a adaptação um gênero importante para despertar os leitores iniciantes. Como se sabe, no largo campo de títulos lançados todos os anos no mercado livresco, muitos são oriundos de reescrituras, recriações, recontagem de produções literárias pertencentes ao cânon. Não seria justo que, em nome do esnobismo academicista estéril, as adaptações não fossem levadas em conta. Assim, reconhecer a adaptação como objeto de importância na formação desses leitores é promover a prática de leitura ainda pouco desenvolvida de forma igualitária entre os estratos sociais.

Nesse sentido, é bom lembrar que a adaptação de clássicos literários não se constitui um texto “marginalizado”, “menor”, “infiel”, ou de outras atribuições negativas que descaracterizam as obras de grandes escritores da literatura nacional e universal, ao contrário, ela estabelece um diálogo à altura com essas obras. Reconhecemos a sua aceitabilidade mediante a inscrição explícita como tal, justificada em função do público a quem se destina.

Acreditamos que a adaptação não pode substituir o texto integral; na verdade, ela atua como uma introdução, pois apresenta a obra aos leitores ainda claudicantes, pouco familiarizados com a literatura, representando o papel de desvelar ao leitor iniciante os textos que fazem parte do acervo literário universal. Por conseguinte, ela tem o mérito de ser lida, efetivamente, por um contingente de leitores, que não a rejeita, como ocorre nos casos de obras mais exigentes em sua proposta estética. Nesse sentido, a adaptação pode assegurar a leitura da obra pelos leitores em formação, sem comprometer as exigências próprias do mundo da arte, sendo possível a conciliação entre a

qualidade literária e a possibilidade efetiva de leitura das obras.

## Referências

AGUIAR, Bergemann de. “Os miseráveis rodapés do do Comércio: tradução integral e semântica”. Simpósio Internacional Victor Hugo, Gênio sem Fronteiras. 8ª ABRALIC. UFMG: Belo Horizonte, MG. 2002. Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/victorhugo/anais>. Acesso 23/03/2008.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/Semtec, 1999.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional do Livro e Leitura** (PNLL <http://189.14.105.211/conteudo/c00005/Introducao.aspx>. Acesso 15/07/2011.

\_\_\_\_\_. **PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso 04/06/2010.

\_\_\_\_\_. **Orientações curriculares para o ensino médio**. ., Códigos e suas Tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. ível [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_03\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf). Acesso 04/06/2010.

BARBOSA, Socorro de F. Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

CHARTIER, Roger (orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999.

FORMIGA, Girlene Marques. **Adaptação de clássicos literários: uma história de leitura no Brasil**. Tese (Doutorado em Letras). João Pessoa: UFPB, 2009.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. “da Leitura no Brasil”. Disponível em: <http://www.camaradolivro.com.br/>. Acesso 20/06/2008.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. 2. ed. . Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SALLA, Fernanda. O Pisa além do ranking. **Nova Escola**. Ano XXVI – nº 240. São Paulo: Abril, 2011.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Trad. Leny Werneck. 4 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PETRUCCI, Armando. “Ler por ler: um futuro para a leitura”. In: CAVALLO, Guglielmo, Roger (orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. ed., São Paulo: Ática, 1999.

*Revista Panorama Editorial Digital*. Edição 56. Renovação e valorização. Disponível em <http://www.panoramaeditorial.com.br/textos.asp?codigo=95>. Acesso 14/07/2011.

---

### i Girlene Marques FORMIGA (Profa. Dra.)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB – Campus João Pessoa)  
Coordenação de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias  
E-mail: gformiga@uol.com.br

### ii Francilda Araújo INÁCIO (Profa. Dra.)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB – Campus Campina Grande)  
Coordenação de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias  
E-mail: araujo.francilda@gmail.com